**Título:** Sonetos

**Autor:** William Shakespeare

**Nacionalidade:** inglês

**Título original:** Sonnets

**Copyright:** hedra **Categoria:** Poesia inglesa

**Palavras-chave:** literatura clássica; poesia; sonetos; literatura elisabetana

**Tradução:** Péricles Eugênio da Silva Ramos

**Número de páginas:**

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:** 978-85-7715-758-7

**Sinopse:**

Os *Sonetos* de Shakespeare foram escritos entre 1593 e 1600, mas só foram publicados em 1609, junto com o poema “A Lover's complaint”, sendo controverso que Shakespeare tenha participado da edição. Não sabemos a ordem em que foram criados nem até que ponto são de cunho autobiográfico, mas acredita-se que alguns deles foram dedicados ao seu amigo e protetor, o conde de Southampton. Muitos tratam da estreita relação entre um poeta e seu amigo, descrevendo sentimentos de ciúme, a dor da separação e a alegria compartilhada. Podemos distinguir ao menos duas sequências nos sonetos, uma endereçada ao jovem amigo e outra à *dark lady*, panos de fundo para reflexões sobre a arte, a passagem do tempo, a vaidade e o destino, entre outros temas.

Introduzido na Inglaterra no século XVI por Sir Thomas Wyat e Henry Howard, conde de Surrey, o soneto foi umas das formas de poesia lírica mais apreciadas do período elizabetano. Adaptado da forma original italiana, consolidada por Petrarca, o soneto inglês também ficou conhecido como shakespeariano, dada a desenvoltura com que o autor os produzia seguindo o esquema de rimas inglês. Para esta antologia, anotada e apoiada em sólido aparato crítico, Péricles Eugênio selecionou e traduziu de forma brilhante 45 dos 154 sonetos de Shakespeare.

**Sobre o autor:**

William Shakespeare (Stratford-upon-Avon, 1564-*id*., 1616), poeta, dramaturgo e ator, é hoje considerado pelos estudiosos e críticos da literatura um dos maiores, se não o maior nome da dramaturgia e da poesia mundial. Filho de John Shakespeare, próspero comerciante, e de Mary Arden, descendente de uma rica família católica, tudo o que se sabe de Shakespeare deriva de duas fontes relativamente escassas: dos documentos e registros da época e das alusões de contemporâneos a sua obra. Em 1582, aos dezoito anos, casa-se com Anne Hathaway, com quem teve três filhos, Susanna e os gêmeos Judith e Hamnet, seu único filho homem, que morreria aos 11 anos. Amargurado com o casamento ─ segundo suposições ─ abandona a vila natal e parte para Londres poucos anos depois, deixando para trás a família. Sua reputação começa a se estabelecer em 1588, como comediante e poeta dramático. Torna-se amigo e protegido do conde de Southampton, a quem dedica seus primeiros poemas narrativos *Venus and Adonis* (1593) e *The Rape of Lucrece* (1594). Já famoso, torna-se um dos mais abastados proprietários de Stratford e membro da companhia de Lord Chamberlain que, com a morte da rainha Elizabeth, passou a se chamar King's Men, recebendo o apoio de James I a partir de 1603. Após o incêndio do teatro Globe em 1613, durante a encenação de uma de suas últimas peças, *Henry* *VIII*, retira-se definitivamente para Stratford, onde falece em 1616. Shakespeare escreveu pelo menos 38 peças, entre dramas históricos, comédias e tragédias, das quais se destacam *Romeo and Juliet* (1594), *Hamlet* (1599), *Othello* (1603), *King Lear* (1605) e *Macbeth* (1606). A densidade psicológica de seus personagens, o apuro linguístico e a profundidade com que descreveu a condição humana garantiram a Shakespeare a universalidade de uma obra que tem fascinado e cativado leitores há mais de quatro séculos.

**Trechos da apresentação:**

Não é possível falar-se, quase nunca, em tradução. Não existem traduções integralmente fiéis em poesia. Há recriações de uma língua para outra, as quais, muitas vezes notáveis, não lograrão contudo conservar todos os valores do texto. Poesia, afinal, não é apenas sentido, mas sentido ligado ao ritmo, sonoridade, talento no uso das palavras e muitos outros fatores impreserváveis a um só tempo.

[...]

A promessa de imortalidade, feita em tantos sonetos de Shakespeare (a criatura amada viverá em seus versos até o Juízo Final, pois tais versos não passarão enquanto os olhos puderem ver), é um lugar-comum greco-latino e renascentista. Bastaria lembrarmos os famosos “topos” de Píndaro, Horácio ou de Ovídio, ou ainda termos presente que o mecenato renascentista, como frisa Burckhardt, se baseava na esperança que tinham os patronos de serem imortalizados pelos poetas e escritores.

Não significa isso tudo, porém, que Shakespeare, ao aproveitar-se dos temas comuns, que circulavam na poesia do Renascimento, tenha imitado Petrarca ou outro poeta italiano ou francês: pelo contrário, “permaneceu ele mesmo”, anota Lytton Sells.

Assim, o que se dá por firme é que Shakespeare adotou a convenção, utilizando-se de certas ideias e imagens que eram lugares-comuns em seu tempo; mas jamais o fez servilmente, e jamais costeou sonetos alheios. Merece que se saliente, a esse respeito, que os sonetos da *dark lady* até que não encontram paralelo nos cancioneiros do tempo, com seu teor de paixão e vida.

Mesmo onde seguiu a convenção, Shakespeare dela retirou meios para inovar.

**Trechos do livro:**

Soneto XV

Se tudo quanto cresce (eu fico a meditar)

Apenas um momento alcança a perfeição;

Se os astros vêm, com influência oculta, comentar

As meras peças que no mundo têm ação;

Se os homens sei que como as plantas arborescem

E o céu que lhes dá aplauso é o céu que os vem vaiar:

Gloriam-se de seiva e no ápice decrescem,

Para afinal esse auge esplêndido olvidar;

Então, pensando nessa instável permanência,

Mais jovem eu te vejo, amor, à minha frente,

Embora queira o Tempo, ouvindo a Decadência,

Mudar teu jovem dia em noite desluzente.

E, por amor de ti, em guerra o Tempo enfrento:

Quanto ele em ti suprime, é quanto te acrescento.

Soneto CXXVII

Não era a cor morena outrora achada bela,

Ou então de beleza o nome não possuía;

Mas da beleza a justa herdeira agora é ela,

Pois degrada a beleza infame bastardia.

Porque se a mão usurpa os dons da natureza

E alinda o feio ao dar-lhe aspecto enganador,

Perdeu-se o nome e o templo amável da beleza,

Que vive profanada ou mesmo em desfavor.

Mas cabeleira cor de corvo tem a amada

E olhos que estão de luto e como que a chorar

As falsas belas que de belas não têm nada,

Pois suprem a criação com mentiroso ar;

E eles, chorando, tanto enfeitam sua agrura,

Que deveria ser assim a formosura.